

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
7 de Outubro de 2022
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – A Questão Colonial

NASCIDOS NA LUTA, VIVENDO NA VITÓRIA / 1978

Um filme de Asdrúbal Rebelo

Imagem (16 mm, cor, com imagens de arquivo a preto e branco), montagem, som: não identificados no genérico, assim como o nome do realizador

Produção: TPA / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm, versão original em português com legendagem eletrónica em inglês / Duração: 18 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

GUERRE DU PEUPLE EN ANGOLA / 1975

*Um filme de Antoine Bonfanti,
Bruno Muel e Marcel Trillat*

Imagem (16 mm, cor), som e narração: não identificados / Montagem: Catherine Dehaut, Lolita Chereh

Produção: Collectif Unicité / Cópia: 16 mm, versão original em francês e português (os trechos em português são traduzidos em voice over para o francês), com legendagem eletrónica em português e inglês / Duração: 52 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

O filme inclui excertos de *Angola 63* de Claude Otzenberger

AVISO: a cópia apresenta sinais de degradação cromática

Duração total da sessão: 70 minutos

Este programa é composto por dois filmes que em tudo se complementam e são dois importantes documentos históricos sobre o nascimento de uma nação. O primeiro, **Nascidos na Luta, Vivendo a Vitória**, uma curta-metragem realizada três anos depois da independência de Angola e um ano depois do primeiro violento embate pelo poder no seio do MPLA, é um filme de propaganda política (sem que a palavra *propaganda* tenha conotações pejorativas, muitos clássicos do cinema pertencem a este género), feito por angolanos, sobre um tema específico da luta de libertação anti-colonial. O segundo, **Guerre du Peuple en Angola**, com a clássica duração televisiva de cinquenta e dois minutos, é um filme de militância política (outra forma de propaganda) de teor genérico, feito por franceses (um dos quais, Antoine Bonfanti, era um reputado técnico de som), cerca de seis meses antes da proclamação da independência do país (11 de Novembro de 1975), quando a própria já quase ex-“metrópole” vivia momentos convulsivos, cujo desfecho a muitos parecia incerto.

Nascidos na Luta, Vivendo a Vitória retrança um aspecto específico da luta anti-colonial angolana, a formação militar de crianças destinadas a formarem a futura troca de guarda dos guerreiros, mas também com o objetivo de cimentar nas novíssimas gerações a ideia da independência, da libertação do jugo. Como o MPLA só controlava um terço do território quando a independência foi proclamada (o primeiro país a reconhecê-lo foi o Brasil dos generais, num gesto de profissionalismo diplomático que parece ter surpreendido o próprio Agostinho Neto) a luta continuou na “*segunda guerra de libertação*”, para citarmos as palavras de um jovem guerreiro entrevistado no filme. O filme é desprovido de genérico e, por conseguinte, não é assinado, como era regra

comum no cinema militante e nele alternam entrevistas, conversas mais ou menos improvisadas e passagens puramente informativas. Tudo é feito com clareza e espírito de síntese e sobretudo tudo é feito a partir de um ponto de vista angolano.

Guerre du Peuple en Angola é exemplo de um aspecto importante da militância política europeia dos anos 60 e 70, o que poderíamos chamar o seu universalismo, nascido do sonho de uma revolução mundial, que levava muitos europeus a se apaixonarem por causas de países distantes, levando-os a pegar em câmaras e muitas vezes em armas, por causas que não lhes diziam diretamente respeito. Como todo filme militante, este nada tem de ambíguo, mas não se trata de um filme exaltado que bombardeia o espectador e sim de um filme explicativo, que dá informações sobre Angola, desde o início da guerra de independência até ao presente, quando o país já estava de facto independente (o genérico indica que a rodagem teve lugar em Maio/Junho de 1975, cinco meses antes da proclamação oficial da independência). Como em todo filme militante, há neste algumas significativas “elipses” (não é mencionada sequer a existência de Cuba, cujas tropas tiveram um papel decisivo na vitória do MPLA), algumas *naïvetés* (julga-se estranho o apoio da China ao FNLA, esquecendo-se da guerra fria entre a China do ainda vivo Grande Timoneiro e os “revisionistas” soviéticos) e curiosas aproximações (que paralelo pode existir entre Angola e o Chile, dois países com experiências históricas absolutamente diferentes?), mas estes elementos são mais feitiço do que defeito e podem ser considerados pormenores, pequenas escórias no filme. O esquema formal tem algo de televisivo, com a multiplicação de entrevistas para pintar um quadro global, o que dá a **Guerre du Peuple en Angola** um tom de reportagem, mas o filme também é um diário de guerra. Isto era inevitável e constitui inclusive uma das forças do filme, pois não podemos esquecer que se trata de uma obra feita no presente, no momento histórico decisivo em que uma era chega ao fim e outra desponta. Os cruéis desmentidos que o meio século que decorreu desde então trouxeram ao otimismo que emana deste filme não anulam a força daquilo que vemos e a convicção daquilo que ouvimos, aquilo que à falta de uma palavra menos absurda podemos definir como a *beleza* deste filme.

Antonio Rodrigues